L I S B O A

Comédia de todos os tempos, em cinco quadros
e cinco séculos.

Composição de Gustavo de Matos Sequeira, feita sôbre a
ULISSIPO
de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

PERSONAGENS

Tomé Serrão, lisboeta rico
Violante Serrão, sua mulher
Luiz Serrão } seus filhos
Isabel }
Leonor }
Pero Soares, banqueiro
Milicia, sua mulher
Xisto, Rufião Mor
Um Rufião.

Simão Vaz, Aventureiro
Barbosa, criado dos Serrões
Braz de Sousa } Namorados
Rui Gomes }
Gonçalo de Arez }
Inez de Ornelas, Dama
Sevilhana, mulher-dama
Florença, " "
Brizida, mãe de Florença
Grácia, mulata.

(a acção passa-se em Lisboa, de 1545 a 1945.)

P R I M E I R O Q U A D R O

(S é c u l o X V I)

PRIMEIRO QUADRO

(Século XVI)

(Cena de rua.Á esquerda a casa de Tomé Serrão;á direita o alpendre da casa de Braz de Sousa.Ao fundo um arco.Conjunto de casaria típica.Ao levantar o pano entram em cena,vindos da rua para que se abre o arco,Braz de Sousa e Rui Gomes)

Rui -Senhor Braz de Sousa,o Amor vence todas as cousas em gosto.
Braz-Andais namorado,Rui Gomes?
Rui -Tanto,que não tenho mais vida do que andar correndo esta frontaria.Mesmo que não satisfaça os olhos,cumpro a minha obrigação.
Braz-Mulheres moças são janeleiras....E quando janela não ha.. Píramo e Tisbe falavam-se pela parede.
Rui -Esta é muito desviada da condição geral.É rara em tudo,até em ser formosa.
Braz-Basta ser mulher.
Rui -Todos os dias rondo estas adufas e poucas vezes consigo vê-la
Braz-Melhor para vós.Menos vista,mais cubiçada;mas Dafne estava n'uma torre...
Rui -E Júpiter ~~xxxxxxxxxxxx~~ tornou-se em chuva e foi ter com ela.Bem sei.
Braz-O que elas querem é gastar muitos servidores.Fazei-vos de atalaia e vereis
Rui -Já tenho visto um galante que olha muito as adufas.Danam-me os receios.
Braz-Isso é mel para depois.Quem é ele?
Rui -Pelo trajo é cortezão.Já assentei comigo em fazer-lhe uma fala.
Braz-Andais acertado,antes que ele crie raizes.E a que horas é certo o Garção?
Rui -Ahi vem ele na travessa.Vede como vem seguro.
Braz-Parece que já tem jurisdição.Quereis que eu o enxote? Competidores,nem de barro.Parou agora.
Rui -Ha que poupar arruidos.Até das músicas fujo.Pregoam muito,e eu não quero escandalizar a rua.
Braz-Deixai-me com ele.
Rui -Serviço de amor não pôe terceiro.Ide-vos,por mercê.
Braz-Quereis-me na retaguarda?
Rui -Não hei temor,sr Braz de Sousa.O amor tudo comete e acaba.
Braz-Bem está.Vou ali ao beco dar de olho a uma dama da minha caça grossa,e logo aqui serei.Quereis a minha espada? É mais comprida do que a vossa. Guiai-o a São Roque que é posto solitário. (sai)

(entra Gonçalo de Arez,vindo da travessa)

Rui -(interpondo-se) Senhor.Ha dias que vos trago atravessado na alma.Dizei-me, por mercê :Com quem andais de amores naquela casa?
Gonçalo-Essa é a mais alta pergunta que tenho ouvido.Em toda a cousa que se requere,o requerente deve cuidar se a sofreria que lh'a fizessem.
Rui -A Necessidade não tem lei,e dá ousadia.
Gonçalo-E qual é ela?
Rui -Por si se descobre.Passeio tambem por aqui...e queria saber...
Gonçalo-Escusai que vo-lo diga.
Rui -(desembainhando a espada,gesto que Gonçalo repete)Cumpre-me sabe-lo.Nesta casa ha duas senhoras dignas de ser servidas.Se nos encontramos na afeição ha que fazer a conta;se ela fôr diferente ficaremos conforme as vontades.
Gonçalo-Justo não acho o que dizeis.Estou aqui para tudo,mas sobrancerias nunca deram bom fruto,e trata-se de fama que eu não devo ofender.Guardai a vossa espada e segui o Farol do Paço.Muitos servem a mesma dama e sofrem até que ela escolha o que mais valer.Só os Falcões é que levam as garças nas unhas.

Rui -Senhor, sou tão sôfrego que não padeço companhia.
Gonçalo-Razoais muito bem, mas eu não ponho em balança a senhora que sirvo. Pouco sofrido tambem sou.
Rui -Pois iremos ao cabo. Dizei : Qual das duas senhoras servis?
Goançalo-Abreviemos a contenda, já que ssim apertais. Dizei-o vôs. Se fôr a minha, á fé de gentil-homem, não a negarei. Outras armas não trago senão a espada e a adaga.
Rui -E eu só a espada.
Gonçalo-Pois deitarei fora a adaga. (atira-a fora)
Rui -Tendes razão. Eu quero bem á senhora Leonor Serrão.
Gonçalo-Descansai alma. Eu sirvo a senhora Isabel.
Rui -(apresentando-se) Rui Gomes, para vos servir.
Gonçalo (idem) Gonçalo de Aresou e a vossa serviço me tereis. (apanha a adaga e pôe-a á cinta)
Rui -Em extremo folgo. Ganhei o meu sossego e o vosso conhecimento. Até nos podemos ajudar.
Gonçalo-E eu sou desses. Defenderemos os postos como a moiros. Ha muito que sois afeiçoado?
Rui -Conheci-a nas Endoenças e logo tomou posse de mim.
Gonçalo-E ela sabe-o?
Rui -Um negro da casa leva-lhe os recados, mas desconfio que me mente.
Gonçalo-Errais caminho. Para mulher não ha como outra mulher.
Rui -E vós que inteligencia tendes?
Gonçalo-Namorei-me mais de ouvidos que de vista. Sei que o pai é rico e honrado, e tanto me disseram da virtude e da formosura dela que me tomei de amor. Ordenei uma romaria a S. Bento de Xabregas, mas não se azou o encontro.
Rui -Como sou novo nestas emprezas não ha novidade que me não dôa.
Gonçalo-Eu era piloto de carreira, mas agora com o coração tomado, tenho medo de errar a navegação.
Rui -Trabalhe cada um o que puder e ajude o parceiro.
Gonçalo-Ajustado. A nossa hora ha-de chegar.
Rui -E eu vou-me ao Terreiro, que tenho serviço no Paço. (Sai cortejandose os dois

---

Braz (entrando) -Guarde-vos Deus (reconhecendo-o) Ah Gonçalo de Arez, não vos cuidava aqui.
Gonçalo-Deus vos salve, Braz de Sousa. Lembrai-vos da moça formosa de que me falou a vossa parente, naquela noite de marrãs?
Braz-Muito bem; mas a que vem a pergunta?
Gonçalo-Cuido que me vai custar mais cara do que Helena a Troia. (apontando a casa do Serrão) Sobre ela ha mais competidores que praga. Praticava-o agora com o sr Rui Gomes. Conheceis?
Braz-Ereis vós, então, o galante que ele temia. E que houve?
Gonçalo-Estive muito perto de me ingrisar. Cheguei a pensar em leva-lo, de rota batida, até os muros. O rapágão era querençoso, trazia as tripas á boca.
Braz-E afinal?
Gonçalo-Não houve escaramuça e ajustamos pazes. Rui Gomes serve a Leonor, e eu a Isabel.
Braz-Aceitar levemente brigas é doudice, mas o ser insofrido é primor de pura cavalaria. Sofra-se tudo menos ofensas. E andais apercebido para tal empreza?
Gonçalo-Vencer os inimigos em Amor custa mais do que tomar Diu.
Braz-E Rui Gomes, que vos pareceu?
Gonçalo-Dos que não sofrem que se lhes tire um fio do saio. Sabe pouco desta pilotagem. Parece que nunca navegou fora do Estreito das raparigas de balaio e das damas de chatinagem. Para esta caça de altanaria não serve.
Braz-Ele ahi vem.
Gonçalo-Já?

Rui -(entrando) Desisti da ida. Topei Afonso Mendes na Correaria, e ele vai tomar-me o posto.
Braz-Este é mais gostoso.
Gonçalo-Somos soldados da mesma tranqueira. A senhora Isabel tem uma garganta de cristal e um rostinho de tauxia. Descreio dos Moiros senão abate a estrela boi eira.
Rui -E Leonor? Tem uma gravidade no rosto que parece esmalte gris. O pincel de Apeles não tem alí mais que fazer.
Braz-Pois defendei-as. O amor nada teme, e o Tempo acaba o que a Razão nega. Eu tambem já vou entrando em jogo com a minha Pega. Ali vai Grácia, a mulata dela. Já torno. (sai a correr)

Rui -São muito pouco janeleiras estas senhoras.
Gonçalo-Devem ser apremadas da mãe que é senhora de grande govêrno de casa.
Rui -Bom é isso.
Gonçalo-Ha que aproveitar todas as marés. Diz Ovidio, na Arte de Amar; Vão-se os anos com a água que corre, e a hora que passa não torna.
Rui -Comvosco estou, e com Ovidio.
Gonçalo-O que é mister é negociarmos esta empreza.
Rui -Creio que descobri uma mina para saltear a praça.
Gonçalo-Qual? Dizei.
Rui -Sei de uma mulher que tem estreita amizade na casa. É viuva, bem avaliada, e se falarem n'isto tomará o Ceu com as mãos ambas.
Gonçalo-Grande alvitre é o vosso. Ides ver como tomamos o baluarte.
Rui -Se tal conseguirdes, nunca homem fez tal sorte.
Gonçalo-Não ha meio mais próprio. Alcoviteiras foi chão que deu vinho. Uma senhora assim, faz do Ceu cebola.
Rui -E como ides armar a rede?
Gonçalo-Braz de Sousa é discreto e sagaz. Arma uma conspiração melhor do que Catilina. Mando-o a falar-lhe. Para a persuadir melhor irá vestido de dó, e acompanhado de criados. Dirá que se quere tratar de casamento, mas que nada se fará sem a licença delas.
Rui -Para não lhes forçar o gôsto.
Gonçalo-Isso. Cortem-me a cabeça se Braz de Sousa não conseguir tudo.
Rui -Vou saber se ela está na pousada, e pergunto a uma vizinha a hora mais certa de lhe falar. É aqui na Praça da Palha.
Gonçalo-E eu comvosco. (saem os dois)

(Entra Grácia, perseguida por Braz de Sousa)

Braz-Até que te apanhei, pardusca de uma figa.
Grácia (fingindo que o não vira) Ah, é vossa Mercê?
Braz-Venho atraz de ti cem ruas, e tu a fugir-me.
Grácia-Como uma lebre...
Braz -Porquê?
Grácia-É escusada a perseguição. Vinha para a sua pousada.
Braz-Se não te apanho, enforcava-me. Vá, a minha ração.
Grácia-Ração?
Braz-Sim, a ração da minha alma. Por vida desses dentes que ainda estão inteiros, como está ela, a minha senhora?
Grácia-Como poderá ela ir se vós lhe faltais?...
Braz-Ah Cadela, que me estás a mentir! (agarra-a com força)
Grácia-Largue-me. Quereis que eu vá peneirar para outro lado?
Braz-Não. Só para mim, Grácia. Fala, anda.
Grácia-Então quere que fale ou que ande?

Braz-Vá,fala-me dela.
Grácia-As uvas colhem-se quando estão maduras?Suspirai,sonhai e desejai.Contentai-vos com o que tendes.
Braz-Aposto que ela ainda não sonhou comigo.
Grácia-Isso era o mesmo que cavalgar antes de selar.Mereceis uma duqueza e tendes tão pouca fé.
Braz-Se a não tivera não poderia viver com tantas friezas.Já fôra pó ou tinha-me lançado ao mar.
Grácia-Não façais tal.Que seria da pobre Grácia.
Braz-Deste-lhe a minha carta?
Grácia-E não foi mal recebida.A minha ama teve com ela um serão de riso.
Braz-De maneira que o meu escrito serviu de folgança... E a resposta?
Grácia-Lá iremos.O Demo talhou o embigo comvosco.Caísteis em graça.(tirando um papel do peito) Aí tendes a resposta.(da-lhó)
Braz- Grandissimo Bem. (a ela) Nunca te poderei pagar este serviço.Nem um reino que eu tivesse.
Grácia-Deus vo-lo dará um dia. Respondei esta noite.Eu lhe porei o escrito na escrinaninha.Logo venho cá busca-lo,que quero pedir-vos uma mercê.
Braz-Esta já está amargada.
Grácia-Perdoai o atrevimento,porque é necessidade.
Braz-Escusai mais palavras.Que queres?
Grácia-Que me empresteis cinco cruzados,por oito dias.Furtaram umas colheres de prata á senhora Sevilhana....
Bráz-(enlevado) Sevilhana!...
Grácia-E queria comprar-lhe outras antes que ela o soubesse.
Braz-Pois contai com elas,logo.
Grácia-Eu cá tornarei.É só por oito dias...
Braz-Já sei,mas eu não empresto.
Grácia-Pois Deus lh'o pagará,que os cruzadinhos não cáem em cesto roto.
Braz-E vê se consegues que eu lá vá.
Grácia-Não a topasteis onbem?
Braz-Onde?
Grácia-No Rossio.Ia um Serafim.Eu bem lhe disse que olhasse em volta.Cada embuçado que via cuidava que ereis vós.E perguntou-me onde era a vossa pousada. A sua vontade era cá vir tomar um púcaro de água.
BRaz-Isso não fizeste tu. Se um dia a topo n'um beco,furto-a.
Grácia-O que não se faz em dia de Santa Luzia faz-se n'outro dia.Logo cá torno. E os cinco cruzados não esqueçam!(sai)
Braz- Vai com Deus ou com o Diabo.Não ha bom jantar que não dê má ceia.

Gonçalo (entrando)Estais agastado....
Braz-Aquela perra levou-me agora cinco cruzados.
Gonçalo-Se a corretagem os valeu,não ha que chora-los.
Braz-Arrenego da tejela de oiro em que cuspo o sangue.
Gonçalo-E a cartinha não vale nada.É a primeira?
Braz-A primeira.
Gonçalo-Mostrai-a.Os amores para se gostarem tem de comunicar-se.
Braz-Já o tenho ouvido.
Gonçalo-Não havendo razão de segrêdo.....
Braz-..ou se são de mulher com quem se pretende casar....
Gonçalo-E ha até quem goste de as mostrar para se abonar de venturoso.Se a carta traz palavrinha em latim,ou se traslada do Carcel de Amor ou do Conde Partinoplez,rir-vos hei de tal namorado;mas eu não sou dêsses.Lede a carta. Não sejais sôfrego da vossa Fortuna.
Braz-Pois assim seja.(abre e começa a ler)Pede-me que desista da empreza e quere desenganar-me.(entregando-a a Gonçalo) Lede.
Gonçalo-Ui,como está fera.É uma bombarda castelhana.
Braz-E está morta pela resposta.Vereis como eu amanso esta dona Bugia.Vai um

testamento de amor que fica pedindo a Unção.Mulheres são fingimentos
Gonçalo-E quando elas falam frautado e borrifam as queixas com lágrimas?
Braz-Resiste-se tambem.
Gonçalo-Á formosura não se resiste.
Braz-Ser formosa não é louvor nem virtude.Arrenego dos rostinhos alfenados que nos mentem. (outros)
Gonçalo-Pois foguem ~~xóa~~ com mulatas e damas copiosas,façam pagodes e pratiquem com pícaros,que eu antes quero um carão de alfenim,que é mais aprazivel de ver-se.Mulher feia nunca teve boa condição,e as que não teem virtude,são mercadoria de Satanaz.
Braz-O Amor ás vezes não deixa ver nada....
Gonçalo-E "la vuestra és hermosa"?
Braz-Passa em cavalos brancos pela maior formosura de Lisboa.
Gonçalo-A minha é um pinho de oiro.Para consertar os nossos males,hei mister de um favor vosso.
Braz-Meu?
Gonçalo-Ides ouvir.Queria que falasseis a uma dona viuva,mulher de respeito,com grande crédito para tudo.
Braz-Inez de Ornelas?
Gonçalo-Essa mesma.Vós tendes boa mão para estas amizades.Vinde comigo até á Praça da Palha,e pelo caminho vos direi o recado.
Braz-Eu conheço a pousada dela.Grande alforje de casa é essa senhora. (sáem)

(Abre-se a dufa da casa de Tomé Serrão,e aparece Barbosa espreitando a rua.Depois surge,vindo do lado contrario,pelo fundo,Simão Vaz a tempo que Barbosa sai do portão da casa.)

Barbosa-(dirigindo-se a ele) Ah senhor Simao Vaz,donde vindes?
Simão-Fui deitar fora um cabelo branco.Venho da Horta de Andaluz.As azevias estavam uma iguaria prima.
Barbosa-Grande vida levais.
Simão-É do tamanho da dos outros,mas levo-a o melhor que posso.E a quem lhe pesar,quatro figas.Não sou Hibérnio da Irlanda,nem Comtemplativo.O meu repertório é este:-Antes nau que barco de Cacilhas,falar claro e procurar boa sombra,em brigas valer de pés,dormir bem,comer melhor,e beber ainda melhor.
Barbosa-Boa regra.
Simão-Faço-me da cor do Tempo,como Camaleão;desprezo o alheio e contento-me do proprio;e falo ao som do Pandeiro de cada um.
Barbosa-Houve um grande fidalgo,que disse uma vez ao escudeiro que o aplaudia em tudo;-Homem,contradiz-me alguma vez para saberem que somos dois.
Simão-Deus me livre de tal senhor.A vida é como cada um a faz.Eu faço a minha mais segura que posso.Com esta viola,quatro pares de cifres,dois pés de canário e uma dúzia de apodaduras,ponho em guèrra todo o mundo..
Barbosa-O sr.Simão estava no certo se não houvesse pescoçadas a tempo.
Simão-Ide-vos enforcar que isso é vento.A mim nunca me faltaram quatro amigos, que o seu vintem é meu.Passam uns,veem outros.
Barbosa-Gosto de ouvi-lo.Ha homens que só servem para praguejar e dizer mal da Fortuna.
Simão-Ainda hoje,topei um desses.Gastou tudo o que herdara,e vivia n'uma pousada do tamanho de um almofariz,sem poder saír por mingua de roupa.Fui-me a el[illegible] e disse-lhe:-Anda de aí.Vai comigo a uma tavolagem e pede o Barato.Se não t'o derem amofina os jogadores.Depois mete conversa com os galhoupitos que começam,e de aí a nada estás enroupado e com dinheiro no cinto.E o dito, dito.Os homens fazem os homens.
Barbosa-Mas isso é viver do alheio,sr Simão!
Simão- Ai Barbosa que estás todo Virtude.Se és aio desse jeito para o filho do Amo,mal aparelhado o tens.

Barbosa-Dele vos queria falar e por tal vos chamei.
Simão-É isto.Todos me tratam de velhaco,mas todos me chamam,até para botar cantigas que aliviem cuidados.Ainda ontem me chamaram a casa de um amigo,~~xxxxxx~~ que tem uma irmã tão merencória que quere ser freira.Cantei-lhe á guitarra uma trova de escacha pessegueiro,e curei-a.Fizeram-me mimos,deram-me uma merenda de rei,e quasi fiquei de portas a dentro. A outra semana chamaram-me para fazer uma carta para um fidalgo que está em Mazagão e que vive lá cortado de saudades da corte.Ia mais pintada de cores que o roupetão de um diabrete.O fidalgo deve ter dado gar risadas de assustar os moiros. Então que quereis para o filho do vosso amo?
Barbosa-Ides ouvir.O sr Luiz Serrão,o meu Menino,anda de amores com a filha da Ex Brizida.
Simão- Florença?
Barbosa-Essa mesma.
Simão-Cobça bem o polhastro.Pois comigo tem a navegação certa e vento de popa.A amiga mais certa dela é da minha obrigação particular.Vem a ponto o encargo Agora ia eu para lá.Amanhã ha festa de pazes com o Mercador,e vai ser grande Pagode.
Barbosa-Esse é o nosso vizinho,Pero Soares.
Simão-Florença estava ingrisada com ele,mas tudo se vai consertar.O Caixeiro é um dos meus favoritos.Tem bons cruzados o Capoeirão.Pois aqui estou para vos servir.
Barbosa-Então,entrai comigo.O meu amo já está recolhido. (Entram os dois em casa)

(Entram,vindos da direita alta,Gonçalo e Rui,que veem os vultos a entrar o portão)

Rui -Entrou gente no portal.
Gonçalo-Não receeis;são da casa.Pois tenho-vos servido altamente.Braz de Sousa foi á pousada de Inez de Ornelas.Vai ferir fogo como pederneira.
Rui -É mister peita-la com qualquer galantaria.
Gonçalo-A chave do jogo está em untar a fechadura.Descreio dos moiros se Braz de Sousa não leva a bom termo a Embaixada.É homem para muito.
Rui -Eu já ando preparando um escrito para a senhora Leonor.
Gonçalo-Um borrão de carta,tambem vem aqui comigo.A senhora Isabel vai toma-lo como pilula doirada.
Rui -Braz demora-se.
Gonçalo-Não póde tardar.Olhai.Ali vem ele,mais grave do que Saturno.Me matem se se não póz o mar chão.

Braz-Deixem-me desentrouxar deste capuz (tira a capa).Má Páscoa venha a quem inventou tal trajo.Isto para os Moiros e alcorão;mas para gente cristã.....
Rui -Que se passou?
Braz-Vitória, ictoria.
Gonçalo-Falai baixo,não nos apanhem o segredo.
Braz-Heide gritar que me ouçam no Barreiro.Nunca se alc nçou uma vitória assim em toda a India.
Rui -Dizei,dizei.
Braz-Cheguei á porta dela e logo os sinais foram bons.Limpei os pés no trapo do lumiar,e mandei pedir licença para uma palavra.Ninguem como a gente de Lis- para desbarretar um cumprimento..Subi ao sobrado.A escada parecia um Jasmim e tinha uma rede para as moscas.
Gonçalo-E depois,e depois?
Braz-Lá vamos.Entrei.Ela estava sobre um tapete azul,e tinha consigo uma moça pequena,destas de antre pulo e boléo,com um bico...Ai que bico.As saias faziam trochado em roda,e os olhos eram uma roda viva.

Rui -E que lhe dissesteis?
Braz-A senhora Inez de Ornelas,com o seu capelo cru de grandes operlandas,e o pano de virtude sobre ele,estava mais apontada de seda do que caravela do Estreito,e rodeada de livros como quem estivesse dentro do Sino Saimão.
Rui -Tinha cachorrinho de fralda?
Braz-Ó se tinha! Azedo como um porteiro e ensaboado como um volante.Espremeu os beiços para lhe dar cor,e fez o seu cumprimento desbarretado.Eu tirei a carapuça aos meus,e começamos a praticar.
Gonçalo-Ela conhecia-vos?
Braz-Nem de ouvido.Mostrei quem era e puz-me a seu serviço.
Rui -Bom introito.
Braz -Ela,toda confortada dos louvores que lhe tinha feito,embebedou-se de vaidade,poz no chão os olhos acairelados de luto ao falar do marido que Deus lhe levou,e mandou afastar a moça.
Gonçalo-Entendeu de que se tratava.
Braz-Entendeu mas fingiu que não.Eu entrei então na matéria.Falei-lhe das Serrões que ela logo atestou serem dois serafins,virtuosas até ali,e que só saem para a Igreja ou para festas de qualidade;disse-lhe que ia mandado de um moço da Corte,rico e honrado,que quere pedir ao pai a mais nova...
Rui -E ela que disse?
Braz-Que o encargo era alheio ás suas ocupações.A trova do costuma.Mas que por serviço de Deus aceitava a ajudar tão bom propósito.
Gonçalo-Graças,sr Braz de Sousa.(para Rui) É a primeira brecha na fortaleza.
Braz-Aceitou que lhe falassem n'um mosteiro,para ser o logar como a tenção. O meu conselho agora é que não dilateis o encontro.O ferro bate-se enquanto está quente.(dirige-se para casa dele)
Rui -E eu estou ardendo.
(corre-se a adufa da casa de Tomé Serrão)
Gonçalo-Escutai.Mecheram na adufa.
Rui -É Leonor.
Gonçalo-É Isabel.
Braz-Acautelai-vos,não seja o Pai.(Entra em casa,e os dois afastam-se cozidos ás paredes)
(Ao mesmo tempo,Barbosa aparece á janela,e Simão sai do portão da casa dos Serrões)
Barbosa-Cuidado! Vi uns vultos a escapar-se pelo arco.
Simão (que vem bem bebido) Noitibós de arribação.Não hei medo.(mostrando uma borracha cheia)Levo esta companheira. (Canta)

Estais comigo enganada
se cuidais
que não sei que me enganais.

Barbosa-Bem canta o Francez molhado o papo.
Simão (continuando a cantar)

Se cuidais
que eu não sei que me enganais.

EXIT